



Fig. 1: Jacques Verduyn. Pat et Veele, 1974. Galerie Antoine Laurentin. Fotografia do autor.

## ARTIGO

# CAMINHOS POSSÍVEIS: EXPOSIÇÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

*Vestígios de vida ou por um mundo regido por mais debate e menos truculência*

**MARTINHO ALVES DA COSTA JUNIOR**  
**ABCA/MINAS GERAIS**

Estas linhas são escritas em um momento cambaleante das artes na Europa. Ao mesmo tempo em que vemos a reabertura dos museus e espaços culturais, o medo descontrolado de uma nova guinada pandêmica habita lado a lado à esperança e à liberdade que significam exatamente a partilha desses espaços.

Fora do país para uma pesquisa de pós-doutorado, ando atento ao que foi proposto por algumas instituições neste período de incertezas e aflições, no qual uma faísca de conforto e felicidade é encontrada na cultura, parte tão essencial quanto desprezada em nossas vidas, ao menos no cenário brasileiro. Desta forma, este texto não possui e - nem poderia ter - um caráter descritivo exaustivo das exposições visitadas, antes trata de um minúsculo recorte do que foi visto entre Bruxelas, Antuérpia e Paris.

Duas exposições extremamente diversas em suas concepções, mas próximas em seus temas acontecem no Centre Pompidou e no Musée du Luxembourg em Paris. No primeiro caso *Elles font*

*l'abstraction*. Como sugere o título, a exposição trabalha de modo inédito e de maneira atenta as obras com características abstratas realizadas por artistas mulheres, a rigor do final do século XIX até os dias atuais. No parque de Luxembourg, *Peintres Femmes 1780-1830*, estabelece uma mostra quase enciclopédica do período indicado. As obras se impõem em ambos os casos, a força das imagens e a descoberta de relações entre artistas e nomes eclipsados valem a visita, não há dúvidas. Mas uma exposição é sempre um amálgama complexo de conexões e talvez seja possível indicar alguma coisa a partir disso. A resposta das instituições em pensar mostras celebrativas de artistas mulheres é louvável. O Musée du Luxembourg optou por um caminho talvez mais fácil. Foge dos grandes debates e problemas históricos, contenta-se em indicar lá e cá “como a crítica do período era misógina” sem colocar a questão de modo mais intenso, relacionando com o que era chamado de artista menor e sua relação também com artistas homens. Os textos indicativos nas paredes infelizmente rivalizam com





Fig. 2: Élizabéth-Louise Vigée Le Brun. Autoportrait de l'artiste peignant le portrait de l'impératrice Elisaveta Alexeévna. 1800. Museu do Hermitage. Rússia. Fotografia do autor.  
Marie-Guillemine Benoist. L'artiste, copiant le Bélisaire et l'enfant à mi-corps de David. 1786. Staatliche Kunsthalle Karlsruhe. Fotografia do autor.

as obras e pouco trazem para a sua compreensão. Concentram-se em uma pequena exploração biográfica das artistas. As obras, por suas vezes, contentam-se ora e outra como ilustração de certo pensamento.

Felizes, no entanto, são essas pinturas que lá se encontram. Vigée Le Brun está presente, claro, e inicia a exposição com o magnífico *Autoportrait de l'artiste peignant le Portrait de l'impératrice Elisaveta Alexeévna*, 1800, do museu Hermitage.

Obra realizada no exílio da artista no momento da revolução francesa. Com traços elegantes e olhar seguro, a artista se retrata no instante em que desenha Alexeévna na tela. Na mão esquerda os pincéis seguros firmemente e um pequeno sorriso escapa enquanto o olhar atento e penetrante extrapola a tela em uma obra intimista.

Os autorretratos estão no corredor inicial da exposição, ali é possível ver avizinhas obras de Adélaïde-Guiard, Marie-Élisabeth Lemoine e Marie-Guillemine Benoist. Esta última, aluna inicialmente de Le Brun e depois de David. No autorretrato se apresenta de meio corpo com o ombro direito à mostra com cabelos longos. O fundo azulado é interrompido com uma forte diagonal apresentando uma tela, na qual a artista pinta uma versão de *Bélisaire et l'enfant*, de David.

A curadoria de Martine Lacas prioriza o ensinamento artístico nesse século no qual as mulheres conseguem algum espaço. Ela comenta que:

“É um período capital para as pintoras. No curso deste período,



Fig. 3: Entrada da exposição Elles font l'abstraction e visitantes no Centre Georges Pompidou. Fotografia do autor.

muitos fenômenos, derivados da Revolução Francesa e da filosofia iluministas, convergem. Eles permitem a emergência de um debate sobre a ascensão das mulheres no mundo das artes. Entre outras, observamos o entusiasmo do público pela arte, o desenvolvimento do mercado, com a multiplicação dos salões e aquele da imprensa que faz eco dessas transformações. Eu quis mostrar que durante esse período, as pintoras estão sujeitas ao debate, à crítica, mas também ao elogio. Em todo caso, elas estão bem presentes no espaço da criação artística<sup>1</sup>”.

**SERIA UMA OPORTUNIDADE MARAVILHOSA COTEJAR LYGIA CLARK E SEUS FAMIGERADOS BICHOS, COM ARTISTAS DE NACIONALIDADES DISTANTES CUJAS POÉTICAS PODERIAM SER VISTAS EM CONFRONTO. MAS TEMOS UMA GRANDE SALA COM ARTISTAS DA AMÉRICA LATINA E UM NICHU ESPECÍFICO PARA AS ARTISTAS BRASILEIRAS. ALI AÇUADOS OS BICHOS VIVEM DUPLAMENTE EM SUAS JAULAS DE ACRÍLICO E IDEOLÓGICA...**

Por sua vez, o Pompidou realiza uma mostra de fôlego. A exposição se inicia de modo muito forte e poético com uma sala dedicada a Georgiana Houghton. As telas da segunda metade do século XIX mostram uma ideia muito intensa em camadas e profundidades de um mundo por vezes onírico, por outras sugestivo.

Entre Deslana, Sophie Taeuber-Arp, Helen Saunders, Olga Rozanova e tantas outras, a exposição traça um incrível panorama da produção abstrata das artistas.

Uma pequena sala exhibe um conhecido vídeo colorizado de Loïe Fuller. Hipnotizante a movimentação que funciona em conjunção com a roupa como extensões do braço, o vídeo é acompanhado de inúmeras fotografias da bailarina. No entanto, podemos nos questionar porquê a escolha em um panorama da arte abstrata. Certamente, o movimento desenhado por Fuller tem formas abstratas, mas não é o princípio da dança? Por outro lado, se quisermos pensar por essa chave, é possível intuir em uma vertente abstrata para toda produção do art-nouveau que não me parece exagerado.





Fig. 4: Georgiana Houghton. The spirit of peace. 1865. Coleção Victorian Spiritualists. Austrália. Fotografia do autor.



Fig. 5: Sala Le néo-concrétisme brésilien na exposição Elles font l'abstraction no Georges Pompidou. Fotografia do autor.

A exposição segue o rigor comportado da exibição cronológica sem pensar, no entanto, em evoluções. Algumas aberturas nas paredes fazem com que as salas conversem um pouco e as relações sejam menos mecânicas. Se a estrutura cronológica amarra algumas compreensões, essas fissuras procuram estabelecer outros pontos de convergências.

A sedução em agrupar artistas também por região enfraquece alguns momentos da exposição. Seria uma oportunidade maravilhosa cotejar Lygia Clark e seus famigerados bichos, com artistas de nacionalidades distantes cujas poéticas poderiam ser vistas em confronto. Mas temos uma grande sala com artistas da América Latina e um nicho específico para as artistas brasileiras. Ali acuados os bichos vivem duplamente em suas jaulas de acrílico e ideológica.

A exposição demanda tempo e reflexão, a participação feminina no cenário artístico norte-americano dos anos 50 e 60, cuja imagem da *action painting* e da abstração enérgica e pulsional daqueles anos marcam as obras de Joan Mitchel e Helaine de Kooning.

### UMA FORTE EXPOSIÇÃO ACONTECE NESTE SEGUNDO SEMESTRE, 100x CONGO: UN SIÈCLE D'ART CONGOLAIS À ANVERS. O TEMA POR SI É PROBLEMÁTICO E A MOSTRA ENFRENTA O PROBLEMA DE MODO MUITO INTERESSANTE...

O Museum Ann de Stroom na Antuérpia se constrói como um importante centro de compreensão contemporânea na apresentação de exposições que se querem conectadas largamente com os pensamentos em voga. Uma forte exposição acontece neste segundo semestre, *100x Congo: un siècle d'art congolais à Anvers*. O tema por si é problemático e a mostra o enfrenta de modo muito interessante. O ponto de partida das imagens é, evidente, a atuação colonial da Bélgica em geral e da Antuérpia, em particular, em relação à dominação. Em primeiro lugar é exibido a representação africana pela arte da Antuérpia, com obras expressivas como a *Adoration des mages*, de um mestre anônimo antuerpiense do século XVI ou *Moïse et sa Femme éthiopienne* obra com coloridos e energia tão peculiares de Jacob ou Jacques Jordaens.



Fig. 6: Jacob Joardens. Moisés e sua mulher etíope. 1650c. Óleo sobre tela. Rubenshuis, Antuérpia. Fotografia do autor.

O passado colonial é mostrado sem mágoas. Registros diversos sobre a atuação de Flandres na exibição de congolezes nas exposições universais, rastros de obras e placas desses eventos etc. A mostra não pretende criar julgamentos ou direcionar nosso olhar. É percebido que não há glorificação tampouco do período colonial, tudo é exibido com certa melancolia.

As centenas de obras de várias épocas dos artistas congolezes são exibidas com cuidado, nas quais são



Fig. 7: Estátua de poder (nkishi). Fim do século XIX. MAS. Fotografia do autor.

ressaltadas as características artísticas, mas também antropológicas, ritualísticas etc. Como as *estátuas de poder (nkishi)*. Uma delas, do final do século XIX, expõe preciosa apresentação do corpo humano. No detalhe do rosto, búzios são incrustados nos olhos e uma faixa em couro faz a união da face.

A exposição termina com um vídeo exibido em pedaços (mas sua integralidade pode ser vista em um prédio anexo ao museu, mais espaçoso e feito dessa forma



pelas especificidades do momento sanitário). Nele a reivindicação de diversas personalidades e artistas contemporâneos do Congo para que as obras sejam restituídas ao país. A questão é tratada seriamente pela exposição, indicando inclusive que o futuro da coleção é incerto. A mostra fomenta o debate, inteligente e fractal. Ela é um exemplo importante de como a instituição se pensa e como pode e quer colaborar com os debates contemporâneos.

### OS MUSEUS REAIS MANTÊM FECHADOS OS MUSEUS WIERTZ E MEUNIER, ENQUANTO SUA ENORME COLEÇÃO DOS MESTRES ANTIGOS FAZ RODÍZIO COM AS OBRAS DO FINAL DO SÉCULO XIX...

Em Bruxelas algumas instituições estão fechadas e se readequando às novas realidades. Os Museus Reais mantêm fechados os museus Wiertz e Meunier, enquanto sua enorme coleção dos mestres antigos faz rodízio com as obras do final do século XIX.

Em um espaço novo e muito organizado, *Tour & Taxis*, está a mostra *Hyperrealism*

*Sculpture: ceci n'est pas un corps*. A exposição tem um caráter amplamente de evento e não necessariamente de uma exposição de arte. As chamadas ressaltam os trabalhos dos artistas, que por suas qualidades técnicas mantém a realidade ou a relação entre ficção e real no limiar da percepção.

Mel Ramos, Ron Mueck, John de Andrea estão representados, obras clássicas do hiper-realismo em relação salutar com trabalhos contemporâneos de artistas que estão nessa chave. O italiano Fabio Viale mostra sua *Venere Italica*. Um busto da Vênus Capitolina. O jogo entre realidade e material é posto em liça e desafia o espectador: uma versão de isopor da Vênus, que num olhar mais atento revela-se como de mármore branco, esculpido para parecer um trabalho feito com isopor. O olhar também passa da perenidade da arte contemporânea (no caso explorado com a relação com o material que se esfarela) com a presença da tradição do mármore.

As banhistas de Carole A. Fuerman são impressionantes e a representação do gotejo é digna dos mestres flamengos.

Só resta comemorar na expectativa que este vestígio de vida e felicidade seja uma luz que se traduza com momentos mais leves e com embates mais intelectuais e menos truculentos. De longe acompanhar as extremidades trôpegas do nosso entorno político é insuportável e esses respiros de sanidade e discussão são muito importantes.

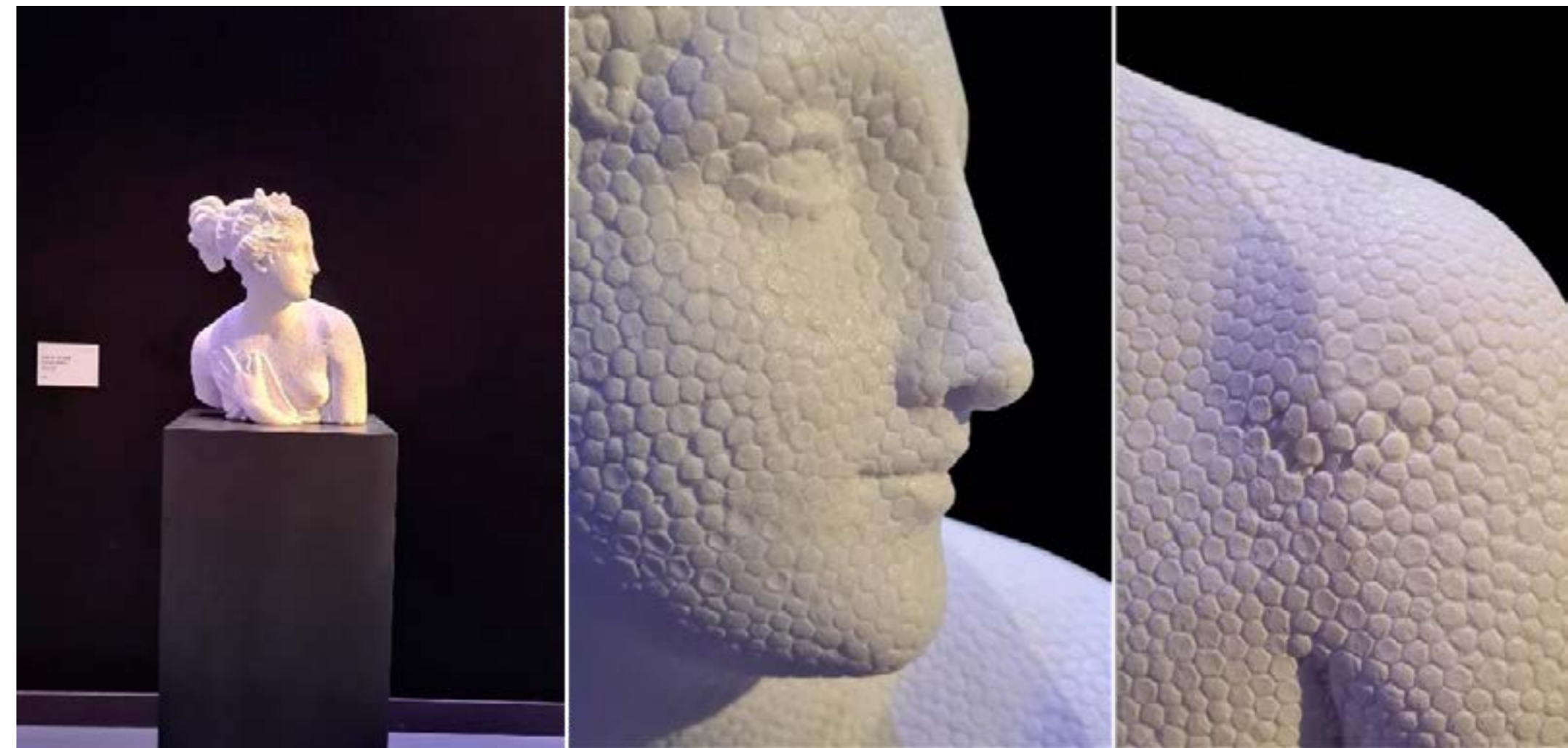


Fig. 8: Fabio Viale. *Venere Italica*. Mármore branco. 2021. Fotografia do autor.

## NOTAS

1 LACAS, Martine. 8 questions à Martine Lacas, Commissaire de l'exposition « Peintres femmes 1780-1830 » Disponible em <https://femmes-dart.com/2020/12/03/8-questions-a-martine-lacas-commissaire-de-lexposition-peintres-femmes-1780-1830/> Consultado em 09/08/2021.

## REFERÊNCIAS

LACAS, Martine et. Al. *Peintres Femmes, 1780-1830 : Naissance d'un combat*. Paris :RMN, 2021.

LACAS, Martine. *8 questions à Martine Lacas, Commissaire de l'exposition « Peintres femmes 1780-1830 »* Disponible em <https://femmes-dart.com/2020/12/03/8-questions-a-martine-lacas-commissaire-de-lexposition-peintres-femmes-1780-1830/> Consultado em 09/08/2021.

MACEL, Christine et. Al. *Elles font l'abstraction*. Paris : Centre Pompidou. 2021.